



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

“Reciclar é Vida”: educando para transformar

Hardalla Santos do Valle

Universidade Federal de Pelotas / Programa de Pós-Graduação em Educação

hardalladovalle@gmail.com

Lúcia Nobre

Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo destacar a história do projeto “Reciclar é Vida”, que vem, desde 2005, contribuindo para a educação e conscientização ambiental de acadêmicos, técnicos e professores da Universidade Federal do Rio Grande FURG. O projeto busca a coleta seletiva de lixo na Instituição, bem como, o destino destes resíduos as cooperativas e associações de catadores. Nesse sentido, através da discussão acerca dessa experiência almejamos incentivar a expansão de ações universitárias que beneficiem as comunidades nas quais as instituições de ensino superior estão inseridas. Assim acarretando relações de troca de conhecimentos para a posterior mudança do atual panorama de caos socioambiental.

Palavras-Chave: Projeto Reciclar é Vida, Extensão, Educação Ambiental.

"Recycling is Life": Education to transform

Abstract

This paper aims to highlight the history of the project "Cycling is Life", which has, since 2005, contributing to education and environmental awareness of students, teachers and technicians from the Federal University of Rio Grande FURG. The project seeks to garbage collection in the institution, as well as the destination of the



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

waste recycling cooperatives. In this sense, through the discussion of this experience we aim to encourage the expansion of university actions that benefit the communities in which higher education institutions are located. Thus causing the exchange relations of knowledge to further change the current landscape of social and environmental chaos.

Key-Words: Project Recycle is Life, Extension, Environmental Education.

Introdução

Como afirma Legan (2007), ainda se discute muito dentro das universidades sobre teorias e hipóteses para um mundo sustentável. No entanto, as ações em prol desse ideal não são vasta, tanto como, suas discussões. Com efeito, o que estamos propondo nesse artigo é a discussão sobre a prática, importância e necessidade de construir algo concreto que elucide o real valor da teoria, e nessa perspectiva, utilizamos como exemplo do que pode ser feito e fonte de reflexões, o projeto “Reciclar é Vida” da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

O projeto “Reciclar é Vida”, é uma intervenção que possibilita a conscientização socioambiental de acadêmicos, técnicos e professores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Esta proposta tem como objetivos principais: a coleta seletiva de resíduos sólidos na instituição, bem como, o destino destes as associações e cooperativas de catadores. Prática esta, que viabiliza alternativas de geração de trabalho e renda, dentre as quais: o surgimento do empreendimento popular Reciclar é Vida e o fortalecimento da Associação Vitória, na Vila da Quinta, um distrito do município do Rio Grande/RS.

É possível constatar a importância desta ação pelo relato do grupo de mulheres que tiveram um aumento na sua renda familiar através da coleta seletiva da universidade, possibilitando assim, melhoria da qualidade de vida desses sujeitos. Outra evidência é o processo de emancipação humana que se percebe nas relações vivenciadas pelos integrantes do empreendimento que beneficia papel.



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

Contudo, cumpre considerar que o projeto que serve de alicerce desta discussão, acima de tudo, nos mostra que é possível contribuir para uma mudança, melhoria, socioambiental a partir de iniciativas provindas da academia. Logo, apresentamos as seguintes inquietudes como norteadoras desse trabalho: Qual o papel das Universidades frente a um contexto de caos socioambiental? De que forma podemos contribuir para construção de uma educação transformadora?

Na busca por respostas, foram aqui utilizadas as metodologias da análise de conteúdo que parte da mensagem, mas considera as condições contextuais de seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem, objetivando interpretar o sentido que um indivíduo atribui às mensagens (FRANCO, 2005). Assim como, a inserção ecológica que é uma metodologia de pesquisa que focaliza o “desenvolvimento-em-contexto”. Ou seja, o pesquisador insere-se no ambiente a ser estudado e investiga a influência deste ambiente no desenvolvimento das pessoas. Esta metodologia foi elaborada a partir da Teoria dos Sistemas Ecológicos de Urie Bronfenbrenner (CECCONELLO, 2003).

Dado o exposto, será apresentada primeiramente a história do projeto “Reciclar é Vida” e como esse vem contribuindo para a transformação socioambiental da comunidade em que se insere. Em seguida, discorreremos sobre a importância da prática de uma educação transformadora. Por último discutiremos a importância da relação ensino- pesquisa -extensão dentro das universidades.

Uma proposta de conscientização: a história do projeto “Reciclar é Vida”.

O projeto “Reciclar é Vida” foi idealizado no ano de 2005, pela coordenadora do NUDESE¹, Lucia Nobre. Na disciplina de “instrumentos econômicos aplicados a administração de recursos naturais e ambientais”, contida no currículo de sua Especialização em Gestão Empresarial da Universidade Federal do Rio Grande

¹ Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG).
<http://www.nudese.furg.br/>



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

(FURG), foi solicitado um trabalho que deveria demonstrar os conhecimentos construídos ao longo das aulas. A aluna, instigada pela vontade de unir prática e teoria, começou a pensar em algo que pudesse integrar estes elementos, nascendo assim o primeiro esboço do projeto “Reciclar é Vida”.

No mesmo ano, com intuito de implantar seu projeto, a coordenadora angariou alguns parceiros, como o núcleo onde atua dentro da universidade e o Centro de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente (CAIC). Assim sendo, possível apresentar o projeto a Superintendência de Extensão. O resultado obtido foi a integração do “Reciclar é Vida” aos projetos de extensão da Universidade Federal do Rio Grande FURG.

A primeira ação realizada, em razão da parceria construída, foi uma seleção de mães de alunos do CAIC interessadas em construir um grupo de beneficiamento de papel, que é o maior resíduo da Universidade. Criou-se assim o empreendimento popular “Reciclar é Vida”, que atua ainda hoje.

Devido um trabalho de inserção ecológica de bolsistas e toda equipe envolvida, que constrói e analisa diários de campo, podemos afirmar que a emancipação humana é o fator mais interessante no que tange a este empreendimento. Seus integrantes relatam que “através desse trabalho conseguiram enxergar novos horizontes de vida, bem como, se enxergarem enquanto sujeitos”. Cumpre ressaltar, que o conceito de emancipação, aqui entendido pelas articulistas, é o de Paulo Freire, visto que, a educação popular emancipatória é uma das bases do trabalho desenvolvido dentro do projeto “Reciclar é Vida”. Isso porque, a educação popular emancipatória tem a vida, a existência concreta como norte e compromisso e se relaciona ao conceito de autonomia, amadurecimento, plenitude educacional, cultural, ética, estética, política e pedagógica das pessoas (NUNES, 2003). Tem como horizonte as utopias que alimentam os projetos, abordadas por José Francisco Neto Melo:

Ser popular é tentar alternativas. É estar realizando o possível, mas que, ao se realizar, abre, contraditoriamente, novas possibilidades de utopias,



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

cuja negação trata os elementos já efetivados e tentativas de novas realizações. [...] A utopia da democracia tem um valor permanente e deve ser vivida sem qualquer entrave. Precisamente, nos espaços da realização e da não-realização, estas são suas contradições e dificuldades maiores. Entretanto, não podem transformar-se em agentes impeditivos da intransigente e radical busca por novas concretizações de sonhos de liberdade e de felicidade (MELO, 2004, p. 159).

Como está explícito na citação, uma das bases da emancipação é a crença na utopia, no sonho de concretizar uma realidade melhor. E é com esse mesmo foco, que foi realizado o trabalho junto a “Associação Recicladora Vitória da Vila da Quinta” pelo projeto “Reciclar é Vida”.

Cumprir mencionar que o papel enviado para o empreendimento popular não é a totalidade dos resíduos recolhidos na universidade. Então o restante do papel, plástico, metal e vidro passaram a ser pesados, registrados e enviados a cooperativas e associações de catadores da cidade do Rio Grande/RS. Entre elas, a “Associação Recicladora Vitória na Vila da Quinta”, assessorada pelo NUDESE. Essa associação trabalha com a triagem de resíduos sólidos para a comercialização na Vila da Quinta (bairro rural da cidade do Rio Grande) e seu grupo é constituído na sua maioria por mulheres, negras, com pouca escolaridade e baixo poder aquisitivo, que apresentam dificuldades de se inserir no mercado de trabalho. Também por meio de análise de diário de campo, é verosímil perceber junto a estas mulheres transformações em sua autoestima. Além disso, o trabalho que vem sendo desenvolvido há 7 anos em parceria com o projeto, se estabeleceu como uma alternativa de renda a suas famílias que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioambiental.

Um último aspecto, porém não menos importante, são as ações relativas a educação e consciência socioambiental, que são construídas pelo “Reciclar é Vida”. Entre, palestras, feiras, e exposições, podemos destacar as oficinas realizadas nas escolas, postos de saúde e universidade.



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

Em relação aos resultados deste trabalho, estão além da “semente” de conscientização plantada, a implementação do “dia da coleta” em duas escolas da Vila da Quinta. O “dia da coleta” é um dia específico da semana no qual os alunos levam seus resíduos sólidos devidamente separados durante a semana e depositam nos coletores.

Educar para Transformar

Entre todas as possibilidades de ação dentro das Instituições de Ensino Superior, destacamos aqui, alicerçados pela experiência do projeto “Reciclar é Vida”, aquelas instigadas pela preservação da sociedade e do ambiente. Logo, também defendemos o papel das Universidades enquanto espaço de fomento da consciência socioambiental.

Isso porque a conservação da qualidade do meio ambiente e, conseqüentemente, da qualidade de vida, tem sido uma preocupação da sociedade desde há algum tempo. Logo, intensifica-se com isto, a demanda por atividades que estimulem o desenvolvimento de uma consciência ambiental, não só ecológica, do ponto de vista da natureza, mas também visando às questões social, cultural e econômica relacionada à existência do homem (AMÂNCIO, p.1, 2005).

Dessa forma, acreditamos, e apostamos, na ideia que a educação tem a função de fomentar nos sujeitos sociais uma prática social transformadora, e por isso, julgamos pertinente a sociedade avaliar se esse papel tão importante vem sendo cumprido, principalmente dentro das universidades, que tanto podem fazer em prol desse ideal. Devemos lembrar que o “educar” aqui entendido, se define, em concordância com Loureiro (2004), pela unicidade dos processos que problematizam os atributos ambientais, culturais e relativos à vida, quando repensam os valores e comportamentos dos grupos sociais; com os que agem nas esferas política e econômica, quando propicia caminhos sustentáveis e sinaliza para novos padrões societários.



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

É interessante considerar que muito mais poderia ser feito se houvesse a almejada conscientização ambiental de toda comunidade acadêmica. Porém, sabemos que esta transformação é um trabalho árduo, pois o desleixo com o amanhã já está impregnado culturalmente. Isto porque as pessoas crescem em meio a hábitos totalmente distorcidos e asserções completamente errôneas sobre preservação e consciência.

É importante frisar que temos o entendimento que a responsabilidade pelo meio que vivemos é de todos, mas acreditamos que para quem possui as oportunidades de conhecer e transformar em práticas coletivas este conhecimento não se pode admitir que meçam esforços para a divulgação deste a toda sociedade (NOBRE, 2006).

Além disso, sabemos que seus resultados não aparecerão efetivamente em um ou dois anos, mas mesmo assim enfatizamos que está na hora de começar essa transformação. Motivos não faltam, pois é de conhecimento geral o caminho que o planeta está traçando, estamos vivendo em uma sociedade desequilibrada ambientalmente e desigual culturalmente, e isto tem que começar a ser modificado a partir de agora.

Ensino, Pesquisa e Extensão

Nesta perspectiva, outro ponto que deve ser destacado é a importância da relação: ensino, pesquisa e extensão, que tem contribuído com novas perspectivas de intervenções da universidade na comunidade.

Na perspectiva do ensino, devemos ressaltar que a academia tem o dever de formar não apenas profissionais de áreas específicas, mas também cidadãos comprometidos, pessoas conscientes das problemáticas atuais e da sua responsabilidade individual dentro do contexto que estão inseridos. Como afirma OLIVEIRA (1993), é preciso pensar em formar cidadãos para a prática social e não só para passar sua vida profissional colocando no papel suas ideias e asserções.



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

A pesquisa é mais um aspecto do tripé, que deve ser articulado com ensino e extensão, onde suas ações se complementam e contemplam propostas de âmbito universitário. Nesta perspectiva, se percebe a importância do papel da universidade de buscar com a pesquisa a fomentação de trabalhos voltados para a comunidade em geral. Assim propiciando a instrução de profissionais que não estarão despreparados, visto que, a visão de mundo é algo indissociável da teoria. Isso porque, tudo o que a comunidade faz não é nada a mais ou a menos do que a prática que precisamos prover na Universidade (OLIVEIRA, 1995).

Com esta noção, partimos para a problemática da extensão, que é a parte prática do aprendizado realizado através da teoria. A extensão serve para aproximar a comunidade acadêmica da sociedade, serve para quebrar as barreiras dos antigos e fechados métodos e instaurar um processo educativo de transformação. Entre os argumentos daqueles que não aprovam sua inserção dentro da realidade educacional, está o fato de que a extensão tornaria o conhecimento do universitário mais local, dedicado a resolução de problemas banais e que aquele que se dedica exclusivamente a teoria, saberá agir diante de qualquer situação devido ao intenso estudo (MORAES, 1998), o que é absurdo afirmar. Como diz FREIRE:

[..] quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, isso nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidária em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressent, imediatamente, a outra. A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blablablá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira e sem compromisso de transformação, nem este sem ação. (FREIRE, 1987, p.44)



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

Assim sendo, refutamos a asserção de que a teoria, mesmo que intensificada, basta para saber lidar com o mundo fora dos muros da universidade, pois para lidar com o mundo, julgamos essencial conhecê-lo. E temos a plena certeza que com uma boa docência o saber, o conhecimento, pode ser esmiuçado a partir da mais ínfima atitude. Desta forma, ratificamos que é necessária a aceitação da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão para o pleno aproveitamento do aprendizado pelo discente e para a evolução da universidade, enquanto realmente um espaço de ensino. Ou seja, devemos nos desprender dos preconceitos e “ensinar” para o trabalho, para o mundo e para a vida.

Considerações Finais

Dado o exposto o presente trabalho foi construído com intuito de, alicerçado no exemplo, história, do projeto “Reciclar é Vida” instigar a expansão de ações universitárias que beneficiem as comunidades nas quais as instituições de ensino superior estão inseridas. Neste sentido, buscamos elucidar o papel das universidades de fomentar nos sujeitos sociais uma prática social transformadora. Entre as formas de contribuir para a construção de uma educação transformadora, destacamos a prática de projetos e ações educativas, embasadas no tripé: ensino-pesquisa-extensão.

Assim sendo, primeiramente apresentamos a história do projeto “Reciclar é Vida”, que idealizado e construído no ano de 2005, consegue ainda hoje estimular a coleta seletiva dentro e fora dos muros da universidade. Entre alguns frutos do trabalho desenvolvido neste projeto salientamos o empreendimento popular “Reciclar é Vida”, a parceria com a “Associação Recicladora Vitória da Vila da Quinta”, bem como, o desenvolvimento de palestras, exposições e oficinas.

Em seguida discutimos sobre a necessidade da prática e estímulo de uma educação transformadora no ensino superior. Neste sentido, buscamos explicar este conceito de educação, assim como, destacar a responsabilidade da sociedade de



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

avaliar se este papel tão importante vem sendo cumprido, principalmente dentro das universidades, que tanto podem fazer em prol deste ideal.

Discutimos, também, a questão do ensino, pesquisa e extensão como algo indissociável e necessário de ser trabalhado no de ensino superior. Isto porque, acreditamos que o verdadeiro ensino é aquele que prepara não somente para a profissão, mas também para a vida, para o amanhã. Contudo, para alcançar este nível de educação nossas instituições devem valorizar o ensino e a pesquisa, associados à prática, ideia que ainda enfrenta muitos preconceitos.

Assim sendo, expomos no decorrer deste trabalho a história e experiência do projeto “Reciclar é Vida”, ao lado de alguns pontos que percebemos serem essenciais a qualquer discussão sobre o papel universitário no contexto atual. Pretendemos com isto, fomentar a reflexão de profissionais da área sejam eles, professores, alunos, administradores e também a própria população que pode, e deve cobrar este papel de nossas universidades, pois realmente acreditamos que somente por meio desta educação transformadora, nossos futuros profissionais poderão modificar efetivamente o caos que instauramos devido nossa ignorância e educação metódica.

Referências

AMÂNCIO, C. O Porquê da Educação Ambiental. Net, 2005. Disponível em:

Campinas, 1998. Disponível em:

<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=272>

CECCONELLO, Alessandra Marques. Inserção Ecológica na Comunidade: Uma Proposta Metodológica para o Estudo de Famílias em Situação de Risco. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, nº 16, v.3. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a10.pdf>

DUARTE, Regina Horta. História & Natureza. Belo Horizonte; Editora Autentica, 2005.



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

DIÁRIO DE CAMPO, Projeto “Reciclar é Vida”, Bolsista-Nudese (Hardalla do Valle), 2010.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GALIAZZI, Maria do Carmo & FREITAS, José V. (orgs.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí/RS: Unijuí, 2005. (p. 15 – 61).

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999. (2005, 3. ed.).

GRIPPI, Sidney. **Lixo: Reciclagem e sua história**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

LEGAN, Lúcia. **A escola sustentável: Eco alfabetizando pelo meio ambiente**. São Paulo: Imprensa oficial, 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Educação Ambiental Transformadora**. Erechim: Edifapes, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico. Educar, Participar e Transformar em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Brasília, 2004, nº zero.

MELO NETO, José Francisco. Dialética -Uma visão marxista. In: **Dialética**. Melo Neto, José Francisco. (org). – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.



Volume 2 – Nº 1 – Janeiro/Junho de 2012

MORAES, R. C. **Educação e Sociedade**. Universidade Hoje- Ensino, Pesquisa e Extensão. Campinas, 1998. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173301998000200003&script=sci_arttext&tlng=pt

NOBRE, Lucia. O lixo da universidade gerando trabalho e renda: mais um ideal a ser perseguido. Rio Grande, 2006. **Pesquisa e Extensão**. Disponível em:

pid=S010173301998000200003&script=sci_arttext&tlng=pt

NOGUEIRA, Adriano. INEP: **Linha Educação Popular**. Instituto Paulo Freire, 2004.

NUNES, César. **Educar para a Emancipação**. Florianópolis: Sophos, 2003.

_____. **Matrizes e perspectivas históricas da educação popular no Brasil: práticas de resistências e emancipação frente ao processo de exclusão do mundo globalizado**. In: II Seminário de Educação Popular do Amazonas, Manaus, 1997, Amazonas: UFAM, 1999.

OLIVEIRA, Artur Dias. **Prá não dizer... que só falei de lixo**. Rio Grande: Editora: FURG, 1993.

OLIVEIRA, Artur Dias. **Aplicação da metodologia Gaia aos resíduos sólidos de Rio Grande**, Rio Grande, 1999.

PROJETO “RECICLAR É VIDA”. Acervo particular de Lucia Nobre, 2005.

RELATÓRIO, Projeto “Reciclar é Vida”, NUDESE, 2009.

RIBEIRO, Mauricio Andrés. **Ecologizar: Pensando o ambiente humano**, Belo Horizonte: Rona, 2000.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

Sobre as Autoras

	<p>Hardalla Santos do Valle</p> <p>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Bolsista- CAPES. Graduada em História Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). hardalladovalle@gmail.com</p>
	<p>Lucia Nobre</p> <p>Coordenadora do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG). Técnica Administrativa em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Especialista em Gestão Ambiental em Municípios pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).</p>